

## O animal humano e o não humano: um oxímoro capitalista

*Bruno Santos Rosário<sup>1</sup>  
Leandro Graffo<sup>2</sup>*

**Resumo:** Milhões de animais são explorados cotidianamente no mundo devido ao modelo produtivista vigente, presente em todos os aspectos possíveis de exploração. Este artigo, portanto, trata-se de uma reflexão bibliográfica desenvolvida no longo percurso de graduação em Humanidades na Universidade Federal do Sul da Bahia. Os artigos e livros citados foram escolhidos nas plataformas de busca e revistas digitais como a Scielo, o portal da Capes e outros. Autores como Slavoj Žižek propõe uma noção cínica imersa no consciente humano, assim como Mark Fisher afirma que o capitalismo cria um realismo que se sobrepuja sobre o que de fato é real, e é assim, dia após dia, que animais são explorados, nas propagandas, nas embalagens, no alimento humano, em laboratórios e nas suas próprias vidas.

**Palavras-Chave:** Animais humanos — Não humanos. Capitalismo e animais. Exploração animal.

## The human animal and the non-human animal: a capitalist oxymoron

---

<sup>1</sup> Graduado no curso de Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades (BIH) pela Universidade Federal do Sul da Bahia, graduando do curso de Letras - Português e Inglês pela Universidade Norte do Paraná (UNOPAR) e graduando do curso de Psicologia pela Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB). E-mail: bruno.rosario@gfe.ufsb.edu.br.

<sup>2</sup> Mestre em Geografia pela Universidade de São Paulo (USP) e Doutor em Ciências da Religião Pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Pós-doutorado pela Cátedra Alfredo Bosi de Educação Básica do Instituto de Estudos avançados da Universidade de São Paulo (IEA/USP). Atualmente é professor adjunto da Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB). E-mail: leandro.graffo@ufsb.edu.br.

**Recebido em:** 09/05/2023 — **Aceito em:** 23/09/2023

**Abstract:** Millions of animals are exploited daily in the world due to the current productivist model, present in all possible aspects of exploitation. This article, therefore, is a bibliographical reflection developed in the long course of graduation in Humanities at the Federal University of Southern Bahia. The cited articles and books were chosen from search platforms and digital magazines such as Scielo, the Capes portal and others. Authors such as Slavoj Žižek propose a cynical notion immersed in human consciousness, just as Mark Fisher states that capitalism creates a realism that surpasses what is actually real, and that is how, day after day, animals are exploited in advertisements, on packaging, on human food, in laboratories and in their own lives.

**Keywords:** Human-Non-Human Animals. Capitalism and Animals. Animal Exploitation.

## El animal humano y el animal no humano: un oxímoron capitalista

**Resumen:** Millones de animales son explotados diariamente en el mundo debido al actual modelo productivista, presente en todos los aspectos posibles de la explotación. Este artículo, por tanto, es una reflexión bibliográfica desarrollada en el largo curso de graduación en Humanidades de la Universidad Federal del Sur de Bahía. Los artículos y libros citados fueron seleccionados de plataformas de búsqueda y revistas digitales como Scielo, el portal Capes y otros. Autores como Slavoj Žižek proponen una noción cínica inmersa en la conciencia humana, así como Mark Fisher afirma que el capitalismo crea un realismo que supera lo realmente real, y así es como, día tras día, se explota a los animales en los anuncios, en los envases, en la alimentación humana, en los laboratorios y en sus propias vidas.

**Palabras clave:** Humanos-Animales y No-Humanos. Capitalismo y animales. Explotación animal.

"Aos animais, que tornamos nossos escravos" escrevia Charles Darwin, "não gostamos de considerar como semelhantes."

(THOMAS, 1988, p. 42)

Em 2011 o cantor e compositor britânico Paul McCartney fez a narração do documentário *Glass Walls* (Paredes de Vidros), desenvolvido pela organização não-governamental People for the Ethical Treatment of Animals (Pessoas pelo Tratamento Ético dos Animais). Neste documentário, McCartney faz a citação da icônica

frase conhecida pela grande maioria de ativistas dos direitos animais "If slaughterhouses had glass walls everyone would be vegetarian" que na tradução – seria "se os abatedouros tivessem paredes de vidro, seríamos todos vegetarianos." É importante a reflexão sobre esse bordão, e o questionamento: será que se as paredes dos abatedouros realmente fossem de vidro, as pessoas realmente iriam se tornar vegetarianas?

O modelo produtivista contemporâneo deixa um indício para a resposta a esta pergunta, posto que o veganismo, bem como o vegetarianismo e suas derivações, ainda não são centros em que os holofotes da produção de capital lançam sua luz no contexto do século XXI. E apesar da comprovada e exuberante destruição ambiental e exploração animal para a produção de carne no mundo, o fetichismo do humano capitalista fortalece a hegemonia soberana ideológica de fazer desaparecer com os vestígios de sua própria impossibilidade (BARROS, 2014).

O filósofo esloveno Slavoj Žižek atribui a essa ideologia capitalista a noção insigne de que é mais fácil imaginar o fim do mundo do que o fim do capitalismo (FISHER, 2020). Esse modelo de regimento predominante entre as nações é auto-regulativo, no sentido de não depender de propagandas que sejam a favor ou contra a sua existência para a sua permanência, com a força veemente de transformar tudo em valor monetário (FISHER, 2020), inclusive os animais. O também filósofo Mark Fisher (1968-2017) traça uma linha de pensamento adjunta a Žižek, o autor do livro *Realismo Capitalista*, publicado em 2009, aponta como o papel da ideologia capitalista não pode ser analisado de maneira simplista como a publicidade faz com aparatos como a arte, mas "trata-se mais de uma *atmosfera* penetrante, que condiciona não apenas a produção da cultura, mas também a regulação do trabalho e da educação — agindo como uma espécie de barreira invisível, limitando o pensamento e a ação (FISHER, 2020, p. 33, grifo do autor).

A denominação de "realismo" que Fisher (2020) versa em sua obra é demonstração do que veria ser verdadeiro, ou seja, o capitalismo elabora mecanismos de camuflagem da realidade

para que assim, o seu ostensivo realismo seja propagado de maneira fácil e aceitável. A ideia de realismo que Fisher (2020) incute é a mesma que o psicanalista Jacques Lacan (1901-1981) articulou em seu longo percurso acadêmico, a representação do

Real é o que qualquer "realidade" deve suprimir; aliás, a própria realidade só se constitui por meio dessa repressão. O Real é um x irrepresentável, um vazio traumático que só pode ser vislumbrado nas fraturas e inconsistências no campo da realidade aparente. Portanto, uma estratégia contra o realismo capitalista envolve invocar o Real subjacente à realidade que o capitalismo nos apresenta. (FISHER, 2020, p. 35).

Sendo assim, o realismo do capital só poderia ser ameaçado se o real apresentado for "desmascarado" e apresentado ao público consumidor como a realidade crua. Em *Glass Walls*, as paredes de vidros em abatedouros poderiam, portanto, por certo período, criar um alvoroço entre os consumidores da carne, mas não permanentemente, mas apenas até que a esperteza do capital se aproprie do fato e o transforme em meio resultante de lucro.

Em 2021 houve no mundo, e principalmente no Brasil, a movimentação em redes sociais da hashtag *#saveRalph* ("Salve o Ralph", em tradução livre); trata-se de um curta-metragem<sup>3</sup> desenvolvido pela instituição de luta pelos direitos animais, a Humane Society International (HSI), sob diretoria do roteirista e produtor Spencer Susser, em que se critica o uso de cosméticos em animais. O coelho Ralph realiza uma entrevista em que conta, por meio de um documentário de animação, a vida de um animal utilizado para testagem de produtos cosméticos. Ralph comenta sobre suas dores físicas e as justifica dizendo que "nós fazemos pelos humanos, certo?"; e ainda salienta que toda sua família passou pelos procedimentos, e como sua vida está fadada à objetificação

---

<sup>3</sup> The Humane Society International (HSI) – Save Ralph, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=AjdMtLF0Z6w>. Acesso em: 04 dez. 2022.

de seu corpo. De acordo com a plataforma Google Trends<sup>4</sup>, no período de publicação do curta-metragem, o Brasil passou por uma significativa onda de pesquisas sobre assuntos relacionados como "Marca", "cosmético", "veganismo", "Avon Products", "Mary Kay", "testagem", bem como de pesquisas relacionadas a "teste de animais", "teste em animais marcas" e outros relacionados.

Não é surpreendente notar que o crescimento das empresas neste período também foi significativo, principalmente aquelas que, no ápice da movimentação, passaram a utilizar o termo *Cruelty Free* (livre de crueldade) em suas embalagens. Cabe evidenciar que o setor de marketing estará sempre empenhado no desenvolvimento de embalagens chamativas para maior empenho consumidor (NEGRINI; OLIVEIRA, 2019, p. 6).

Muitos termos utilizados em embalagens são desconhecidos do vocabulário dos consumidores, há muita informação e pouca clareza. Especialmente quando estes indivíduos são veganos ou vegetarianos, ou até mesmo os que estão começando na trajetória da libertação animal, "a informação contida nos rótulos não é suficiente para identificar ingredientes de origem animal" (NEGRINI; OLIVEIRA, 2019, p. 7). Nem sempre os selos nas embalagens que trazem informações como "vegano" ou "cruelty free" significam necessariamente que o produto não possui ingredientes de origem animal ou que não faz testagem em animais (NEGRINI; OLIVEIRA, 2019).

Mark Fisher (2020) traz uma consideração semelhante no seu livro, não explicitamente relacionada aos animais, mas expondo que apesar das pautas de preservação ao meio ambiente serem consideradas como relevantes para os sujeitos consumidores, o realismo capitalista<sup>5</sup> utilizará estes mecanismos publicitários

---

<sup>4</sup> O Google Trends é uma ferramenta do Google que possibilita a pesquisa e o acompanhamento do número de buscas por uma determinada palavra no decorrer do tempo, ou em tempo real. A pesquisa em questão está disponível em: <https://trends.google.com.br/trends/explore?date=all&geo=BR&q=%2Fg%2F11r5mrsf37>. Acesso em: 04 dez. 2022.

<sup>5</sup> Fisher (2020, p.10) explica que esse realismo "é o sentimento disseminado

para promoção do ideal fantasioso verde e sustentável que o capitalismo pode exercer simultaneamente em que desmata. O que de fato essa ação demonstra, na visão de Fisher (2020, p. 36), é

a estrutura de fantasia da qual o realismo capitalista depende: o pressuposto de que os recursos são infinitos, que o próprio planeta Terra não passa de uma espécie de casco, do qual o capital pode a qualquer momento se livrar, como se abandonando uma carapaça usada, e de que qualquer problema pode ser resolvido pelo mercado.

Essa junção, vista como contraditória, é uma programação articulada, o que para Fisher (2020) perpetua ainda mais a engrenagem mercantil em movimento, nutrindo o que o autor chama de 'fetiche pelo crescimento', mas que, na intrínseca realidade, "o capitalismo, por sua própria natureza, se opõe a qualquer noção de sustentabilidade". (FISHER, 2020, p. 36). Isto posto, independentemente de paredes de vidro, ou do não uso de marcas que testam em animais, ou das propagandas de desenvolvimento sustentável, o mundo capitalista ainda ditará o que é "ser realista".

'Ser realista' já significou fazer as pazes com uma realidade experimentada como sólida e imóvel. **No realismo capitalista, entretanto, implica que nos subordinemos a uma realidade infinitamente plástica, capaz de se reconfigurar a todo instante.** (FISHER, 2020, p. 93, grifo meu).

Em 1989, Slavoj Žižek (1949-) publicou o livro *The Sublime Object of Ideology* em que aborda como a ideologia capitalista se sustenta em um protótipo cínico. Fisher (2020) realça o quão resistente a ideologia do capitalismo é e ainda a compara com outras ideologias como o fascismo e stalinismo que, dependeram de

---

de que o capitalismo é o único sistema político e econômico viável, sendo impossível imaginar uma alternativa à ele."

inúmeras propagandas para suas sustentações, o que o capitalismo dispensa. Slavoj Žižek (1989) ainda dirá mais quando salienta, por intermédio de Fisher (2020), que

a ideologia dominante é a do cinismo; E nesse nível, estamos claramente bem longe de uma sociedade pós-ideológica. O distanciamento cínico é só uma maneira... de fechar os olhos para o poder estrutural da fantasia ideológica: mesmo quando não levamos as coisas a sério, mesmo quando mantemos um distanciamento irônico, *nós as continuamos fazendo*. (ŽIŽEK, *The sublime object of ideology*, 1989 apud FISHER, 2020, p. 26, grifo meu).

Dessa forma, Schvamborn et al (2017) aponta que os animais são objetificados com o objetivo da satisfação das "pseudonecessidades" que são formuladas pela sociedade do consumo. O antropocentrismo ganha força quando performado ao lado dos dogmas capitalistas o que resulta no consumo desenfreado e lesiona a visão ampla da forma como os animais estão sendo tratados no mundo contemporâneo. "Todas as formas de objetificação [...], possuem relação direta com o capitalismo." (SCHAMBORN et al, 2017, p. 6).

Existem outros exemplos de como a ideologia cínica é efetiva. No Nordeste brasileiro, por exemplo, onde a atividade cultural da Vaquejada ainda é bem aceita, o fetichismo apregoado por Baldini e Nizo (2015) é notório. Para Baldini e Nizo o fetichista

sabe algo que invalida sua crença, o que não a impede de funcionar... É a esse mecanismo que usualmente, em Psicanálise, se dá o nome de desmentido ou recusa, isto é, uma certa relação entre saber e crença que opera de maneira contraditória, na medida em que o saber não invalida a crença. (BALDINI; NIZO, 2015, p. 132).

Esse tipo de pensamento, alimentado pelo poderio do capital, é o que resulta em posicionamentos como "**Eu sei, mas**

**mesmo assim..." ou "eu sei que derrubar o boi na vaquejada é algo que estressa o animal, mas mesmo assim é cultural".** Para os autores, o cinismo como prática ideológica cobiça a alimentação do gozo, o que antes, apenas se resumia à produção. Em outras palavras os autores apontam que essas reflexões

indicam que estamos diante de um novo modelo de poder, que opera de maneiras diferentes, e que isso traz consequências para uma teoria materialista do discurso, pois o que se realiza, fundamentalmente, é uma relação diferente dos sujeitos com o discurso, estabelecida de acordo com os lugares de enunciação em sua relação com a memória e as condições de produção do discurso. [...] **fundamental indicar uma passagem, em vias de se tornar hegemônica, de uma sociedade de produção, cujo fundamento é a repressão, para uma sociedade de consumo, cujo paradigma é o do imperativo do gozo.** (BALDINI; NIZO, 2015, p. 141, grifo meu).

De modo mais enxuto, o poder ri de si mesmo, mas cabe a ressalva da importância que a classe tem quando o discurso é feito, já que, em certos momentos, os enunciados considerados cínicos, se considerados os locais de enunciação, emergem como posicionamentos cínicos perante ideologia (BALDINI; NIZO, 2015, p. 133).

Além disso, as propagandas que incentivam o consumo de produtos de origem animal, especialmente a carne e o leite, são propagações de uma falsa realidade que, indubitavelmente, se as realidades da produção — bem como a objetificação dos animais — fossem postas em exposição para o público, culminariam num alarde temporário de descontentamento por parte dos consumidores. Esse marketing, voltado aos produtos de origem animal, seria, dessa maneira, uma propagação da falsa realidade que delimita a visibilidade e não permite aos que consomem atestar o que de fato acontece por detrás do palco, o que garante, efetivamente, a dominação do capital (BARROS, 2014). "Evidentemente o sujeito

que assiste a mágica não pode perceber o truque sendo realizado, pois isso desmancharia a ilusão criada e tudo entraria em colapso." (Žižek, 1996 apud BARROS, 2014, p. 147).

Para Negrini e Oliveira (2019), questionamentos como os seguintes são importantes e todos os cidadãos e consumidores deveriam ter acesso a essas informações de maneira clara e sem nenhum óbice.

O que a indústria da exploração animal nos omite? Quais informações são mantidas longe do consumidor para os negócios prosperarem? Quais informações são deixadas longe dos cidadãos sobre o impacto das atividades das empresas no meio ambiente, nas florestas, nas águas, na vida dos trabalhadores? Na indústria da exploração animal, aquilo que não é dito ou é omitido – não-comunicação – diz mais sobre esse modelo de negócio do que aquilo que se anuncia nas peças publicitárias, nas estatísticas oficiais do setor. (NEGRINI; OLIVEIRA, 2019, p. 7-8).

Um exemplo ao avesso dessas propagandas pode ser visto na charge "Sofriboi" (2013) do chargista Maurício Ricardo em que, por meio de uma sátira, deixa-se evidente a realidade que muitos animais da indústria da carne passam no interior dos muros de abatedouros. Como de costume nos aparatos publicitários da empresa Friboi, o então escalado ator Tony Ramos, nos comerciais, fazia uma apresentação da qualidade da carne do animal, condizente com uma realidade verossímil; porém, na charge o personagem Tony, ao invés de colocar em pauta o "realismo capitalista", dita o real ao dizer frases do tipo: "uma marreta pneumática de última geração dá uma porrada na cabeça dele (do boi), já tonto o boi é amarrado por uma das pernas erguido e pendurado em trilhos automatizados onde é degolado e morto...". Esse tipo de contraste, a própria condição satírica da charge, ressaltam que o que de fato passa nas grandes emissoras de TV são artefatos de funcionamento ideológico que se ramificam na engrenagem social da fantasia (BALDINI; NIZO, 2015, p.151). Portanto, o que

passa nos comerciais nem sempre "é de confiança", já que por detrás de propagandas como as de açougueiros e leiteiros há "uma informação omitida, mascarada, há um referencial ausente, o animal morto." (NEGRINI; OLIVEIRA, 2019, p. 8).

Por detrás de produtos de origem animal há algum tipo de exploração, a ideologia do cinismo propagada pelo sistema econômico vigente cria estes artefatos de omissão dessa exploração para seu público-alvo. Em 2015, por exemplo, a empresa alimentícia Mococa Produtos Alimentícios apresentou a nova versão da sua famosa música "A vaquinha Mococa", apresentando no comercial uma vaquinha feliz que aceita a exploração humana em trechos como "a vaquinha Mococa está dizendo: puro leite é Mococa" (MOCOCA, s.d). Para Negrini e Oliveira (2019) essas representações de animais felizes, que demonstram contentamento à servidão aos humanos são representações do imaginário infantil de todos os sujeitos, "crescemos acreditando que embora o animal 'precise' morrer para alimentação humana, enquanto esse momento não chega, terá uma vida boa e feliz (SINGER, 2013, p. 312 apud NEGRINI; OLIVEIRA, 2019, p. 8). O mesmo acontece com o frango da empresa Sadia e inúmeras outras marcas, ilustrando animais que "promovem" o próprio abate.

De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), só no primeiro trimestre de 2022, 3,7 milhões de frangos foram abatidos no país<sup>6</sup>, e a imagem do peru feliz realizando propaganda do seu produto aparece sem mostrar a realidade, e "por trás do marketing 'feliz' está uma comunicação pública omitida pela indústria. 'Galinhas livres de gaiolas' não significam galinhas ao ar livre, sem sofrimento. As aves são criadas em galpões superlotados." (NEGRINI; OLIVEIRA, 2019, p. 9).

---

<sup>6</sup> Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística — Pesquisa Trimestral do Abate de Animais. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/economicas/agricultura-e-pecuaria/9203-pesquisas-trimestrais-do-abate-de-animais.html?=&t=destaques>. Acesso em: 14 dez. 2022.

Os meios de comunicação não estão interessados em abordar temas que podem contrariar os interesses de potenciais patrocinadores. [...], mas pouco se sabe que realmente acontece por trás dos muros de matadouros e das porteiras das fazendas. **A ignorância é necessária para continuarmos felizes à mesa.** E é a comunicação pública do ativismo animal que rompe com esse manto de ignorância para restabelecer a verdade. (NEGRINI; OLIVEIRA, 2019, p. 13, grifo meu).

Em uma análise de defesa dos animais, o mundo do capital é altamente nocivo, sobretudo os animais menos queridos pelos humanos, os utilizados em ambiente fechados para a produção de cosméticos, testagem de produtos de limpeza e outras formas de exploração que os animais "convencionais", os de estimação, não performam, a certo ponto, já que também existe uma indústria para este setor. A exploração dos animais é uma maneira eficaz de enriquecimento de uma minoria potente que,

por trás da negação do Direito dos Animais esconde-se muitos interesses das grandes companhias industriais em atender suas necessidades de produção em massa sem o mínimo respeito e muitas vezes com sistemas de criação em confinamento e crueldade aos animais, isto porque o que importa para esse grupo de pessoas é o aumento do lucro (SCHVAMBORN, 2017, p. 6 apud PIMENTEL, 2015, p. 217).

Todos submersos na ideologia do capitalismo estão rodeados por noções que são difíceis de serem quebradas, assim como no filme *Eles Vivem* (1988) o árduo processo de libertação e identificação do real, mesmo que por meio simples como o uso de um óculos, passa a ser uma ação totalmente dolorosa e, muitas vezes, resultante na famosa briga cinematográfica de pouco mais de 6 minutos da história do cinema<sup>7</sup>. "Os sujeitos são

---

<sup>7</sup> No filme *Eles Vivem* (1988) o personagem principal pede que seu amigo Frank

modelados, desde a infância, numa série ininterrupta de iniciação sobrecodificante e descodificante, a confluir suas potencialidades subjetivas para o acúmulo utilitarista e pragmático do capital." (GUATTARI, 1985 apud CARVALHO, 2018, p. 32). Assim, a quebra das crenças fundamentadas desde a infância torna-se um desafio de que o capital se aproveita para se sobrepor ainda mais.

Para Sigmund Freud (1856-1939), o psiquismo atua na busca incisiva pela estabilidade quando se trata dos sentimentos de prazer e desprazer, assim, perante informações do mundo o psiquismo buscará manter o prazer como primordial rejeitando todo e qualquer gatilho que liberte o desprazer (ROCHA; LOURES, 2022). Dessa forma,

ao estar diante de suas angústias, torna-se mais satisfatório viver sob a possibilidade de alcançar a plenitude. Enxergar a ilusão induzida pelo discurso significaria vivenciar o desprazer diante da falta que o discurso capitalista tenta tamponar." (ROCHA; LOURES, 2022, p. 76).

O filósofo ativista Tom Regan (1938-2017) aponta três tipos de personalidades que estão no processo de familiarização pela luta dos direitos animais. Uma destas personalidades é a Vinciana que, para o autor, é mais presente durante a infância, período de "codificação", em que a criança desenvolve um carinho e afeto pelos animais a ponto de tê-los como entes semelhantes moralmente. No entanto, com sua formação em andamento, o processo que Regan chama de "aculturação" se sobrepõe e toda a sua afeição pelo animal se torna irrelevante. Uma relação é evidente com o que Barros (2018) traz em concordância com a sobrecodificação. De maneira geral, capitalismo aflora como uma máquina social,

---

coloque os óculos reveladores da verdade, mas ele rejeita de forma agressiva e ambos iniciam uma longa e violenta briga. (ROCHA; LOURES, 2022).

uma megamáquina onde, **entre o humano e o não humano**, entre o homem e a máquina, entre a organização e a técnica, existe, não uma 'cortina de ferro ontológica' separando o objeto do sujeito, mas **comunicação, recorrências, reversibilidade**. (CARVALHO, 2018, p. 30 apud LAZZARATO, 2014a, p.68, grifo meu).

Os componentes semióticos, ou seja, os signos comunicativos verbais e não verbais, engendrados pela maquinação capitalista são controlados pela grande mídia, a dominante financiada pelas pessoas físicas e jurídicas que possuem poder, ou seja, capital. Ter noção de criticidade, pensar e formar opiniões, se perceber e perceber o seu contexto são ameaças à injeção estética e inocular do capital, "se o oxímoro<sup>8</sup> permitir, uma sensibilidade que dessensibiliza, uma percepção que não faz perceber: tudo deve recair no jogo violento da reprodução." (CARVALHO, 2018, p. 35-36).

O capitalismo, dessa forma, sistematiza um conjunto de técnicas com a utilização de computadores, celulares, carros, máquinas sociais como as escolas, hospitais, línguas, leis e a própria literatura, no intuito de produção de condições de subjetividades que sejam dominantes (CARVALHO, 2018). Essa sistematização é instituída em armadilhas próprias dos fetiches; os sujeitos, portanto, de armadilha em armadilha, aceitam tudo isso porque partem do pressuposto de que a ordem correta é essa, "ordem que não pode ser tocada sem que se comprometa a própria ideia de vida

---

<sup>8</sup> De acordo com o Dicionário online *Priberam*, Oxímoro é a "Combinação engenhosa de palavras cujo sentido literal é contraditório ou incongruente (ex.: silêncio ensurdecedor é *um oxímoro*)". Neste caso, a relação estabelecida é semelhante à de um paradoxo, mas muito mais direta. As relações dos humanos e não humanos, podem, se analisadas minuciosamente, ser vistas como um oxímoro, já que ao mesmo tempo que se ama, se mata. Obviamente a relação aqui estabelecida é a da alusão. "**oxímoro**", in *Dicionário Priberam da Língua Portuguesa* [em linha], 2008-2023. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/oximoro>. Acesso em: 08 ago. 2023.

social organizada" (LIZZARATO, 2014, p. 206 apud CARVALHO, 2018, p. 40). Sendo assim, a aparelhagem de ser afetado por alguém ou por algo é totalmente manipulada pelo sistema.

A expressão da subjetividade capitalística, então, é normalizada e centrada na noção do que é importante a se mostrar. O afeto entra nessa questão como possível escape. A ação de afetar é, para Mansano (2019), a ideia de sensação e percepção além do órgão dos sentidos, e ser afetado é a transfiguração demandada por uma espécie de vulnerabilidade ao outro. "Os afetos compõem uma das dimensões motivacionais da ação. Eles são como uma 'energia interna' impulsionadora do agir, e que, na prática, se entrelaçam com significados e padrões culturais, relações sociais e institucionais." (ILLOUZ, 2011, p. 9 apud FREIRE, 2012, p. 306). É por este motivo que a afetividade é capaz de clarear os outros pontos pouco explorados na sociedade, como a exploração dos animais. Ainda nos preceitos de Freire (2012), os afetos, bem como as relações interpessoais são, "no mesmo movimento, impregnados pelos repertórios do mercado e pela lógica do cálculo, desempenho e eficiência da racionalidade econômica." (FREIRE, 2012, p. 306-307).

É notório e evidente como os princípios do capital são forjados na cultura humana de maneira tal a influenciar todos os aspectos dos sujeitos, especialmente os psicossociais, e as percepções do outro e do mundo ao seu redor (RIVAS; SILVA, 2017, p.7). O capitalismo, sendo assim, irá inibir todo e qualquer tipo de afetividade que não seja favorável a ele próprio, e quando uma grande quantidade de pessoas é afetada com acontecimentos como o movimento *salve o Ralph* (o coelho mencionado acima), as comoções e os sentimentos de compaixão são inevitáveis por parte dos consumidores. O que, em certo grau, é prejudicial à subsistência do capital, mas que logo é contornado pela indústria como explorado acima.

Em face disso, a mestra em Antropologia Social Miriam Rebeca Rodeguero Stefanuto publicou, em 2019, um artigo em que realiza uma investigação antropológica sobre um determinado frigorífico no estado de São Paulo. O sistema capitalista é capaz

de sujeitar pessoas a trabalhar em situações precárias significativas, e, em casos como o apresentado por Stefanuto (2019), além da precariedade do ambiente, as pessoas precisam lidar para não serem afetadas pelo outro, o animal. A autora levanta um questionamento justo para discussão: os sujeitos que não trabalham em abatedouros recebem a alienação da realidade já "mastigada" de ruptura do animal íntegro (físico e psicologicamente), seja pelas propagandas ou até mesmo pelos costumes de consumir a carne no cotidiano, mas "o que dizer daqueles que são responsáveis por realizar esta ruptura e que trabalham no cerne desta indústria e, ainda assim, são consumidores de carne?" (STEFANUTO, 2019, p. 206).

Stefanuto (2019) constatou que de maneira direta ou indireta haverá sempre um processo de afetação entre os trabalhadores destes espaços e o animal. O processo de afetos está relacionado com os princípios éticos e morais dos indivíduos, sejam eles vegetarianos, veganos ou não. A afetividade, como já argumentada acima pode ser um processo de enfoque em meios antes não vistos e é por este motivo que "talvez fosse melhor para o sistema produtivo se as carcaças se produzissem sozinhas, evitando o contato com este intermediário problemático, os animais" (SORDI, 2013, p. 116 apud STEFANUTO, 2019, p.213). Para Giraldo (2018), o esforço que o capitalismo exerce rumo ao consumo é tão exuberante que a tendência é a criação de indivíduos cada vez mais apáticos<sup>9</sup>.

O modelo econômico que segue firme nas sociedades capitalistas está, pouco a pouco, transformando os afetos em transtornos que estão, agora, sendo resumidos a formas insatisfação que "pode e deve ser canalizada para fora, direcionada

---

<sup>9</sup> Para Melanie Joy (2014), os indivíduos se "entorpecem" para não serem afetados com as questões animais, especialmente os trabalhadores em frigoríficos e abatedouros. Estes sujeitos, geralmente, não possuem alternativas de sustento, e acabam imersos a esta realidade. Esse entorpecimento psíquico inclui "o ato de negar, o ato de evitar, a rotinização, a justificação, a objetivação, a desindividualização, a dicotomização, a racionalização e a dissociação" (JOY, 2014, p. 19).

para a sua verdadeira causa, o capital. No entanto, é cada vez mais desconfortavelmente evidente que o mercado e a autorregulação dos consumidores não serão o bastante para evitar a catástrofe ambiental" (FISHER, 2020, p. 132). O capitalismo tem transformado a civilização humana em uma civilização retraída, onde medo, cinismo e conformidade são os afetos que prevalecem. Isso, dessa forma está resultando na perpetuação da produção de produtos, na exploração ambiental e animal.

Portanto, se as paredes dos abatedouros fossem de fato paredes de vidro as pessoas, em grande maioria, ficariam perplexas com as barbaridades que os humanos fazem com os animais. O capitalismo irá se apropriar dessa nova perspectiva e incutirá, o mais rápido possível, à visão destes indivíduos uma outra percepção que não invalidará sua hegemonia. Há apropriação de produtos de origem animal pelo sistema econômico vigente no Brasil e em grande parte do mundo, mas estes produtos ainda não são o ponto central de produção, mas sim uma forma de tapar os buracos que a libertação animal proporcionou. As propagandas de carnes e laticínios, inclusive de ovos, continuarão sendo transmitidas em rede nacional, afinal, debater direito animal está longe de ser um enfoque nos grandes debates, especialmente os relacionados a mudanças climáticas.

No entanto, como salienta Joy (2014, p. 119) o testemunho ainda é "a pedra angular da justiça social". É por este motivo que ativistas em todo o mundo fazem produções chocantes como o #SalveRalph, ou as exibições cenográficas de carnificina humana em grandes centros populacionais proporcionadas pelos ativistas veganos. Tudo isso para impactar, para chamar a atenção dos alienados a ideologia carnista como propõe Joy (2014). Além disso, a visão que os humanos têm para com a terra precisa ser mudada, a humanidade hoje

[...] não reconhece que aquele rio que está em coma é também o nosso avô, que a montanha explorada em algum lugar da África ou da América do Sul e transformada em mercadoria em algum outro

lugar é também o avô, a avó, a mãe, o irmão de alguma constelação de seres que querem continuar compartilhando a vida nesta casa comum que chamamos de Terra (KRENAK, 2020, p. 47, 48).

Sem essa noção de cidadãos pertencentes a um planeta em comum, que utilizam do mesmo oxigênio, do mesmo chão, da mesma água, as paredes de vidro de nada valerão, serão apenas mais uma forma do cinismo capitalista rir do seu próprio poder. Essa visão ressalta que, para um existir, o outro, necessariamente, precisa deixar de existir. Não ao acaso que debates sobre sustentabilidade emergem pelo mundo, mas ainda com um tom antropocêntrico. Se assim continuar, o humano e o não humano continuarão escritos como um oxímoro capitalista.

## Referências

"CARNE SofriBoi". Produção: Maurício Ricardo Quirino. YouTube: [s. n.], 2013. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=zearJjp144I>. Acesso em: 13 dez. 2022.

BALDINI, Lauro José Siqueira; NIZO, Patricia Leal Di. O Cinismo como prática ideológica. **Estudos da Língua(em)**, Vitória da Conquista, p. 131-158, dez. 2015.

BARROS, Rodrigo José Fernandes de. O cinismo e o capitalismo: ideologia e teoria radical em Slavoj Žižek. **Em Debat**, Florianópolis, p. 145-151, jan-jun. 2014.

CARVALHO, Alexandre Filordi de. Da Semiótica Capitalista À Estética Esquizopolítica: Guattari E O Lugar Da Invenção De Si Mesmo Na Microrrevolução Do Desejo. **PROMETEUS**, São Paulo, p. 25-44, 2018.

COMERCIAL Vaquinha Mococa - 2015. YouTube: Mococa Produtos Alimentícios, 2015. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=bpA7dc5R09g>. Acesso em: 13 dez. 2022.

FISHER, Mark. Realismo Capitalista: é Mais Fácil Imaginar o fim do Mundo do que o fim do Capitalismo? São Paulo, **Autonomia Literária**, 2020.

FREIRE, Alyson. OS AFETOS E O CAPITALISMO. **INTRATEXTOS**, Rio de Janeiro, p. 304-311, 2012.

GIRALDO, Daniel Jerónimo Tobón. Cultura consumista y políticas de la compasión. **Escritos**, Medellín-Colombia, v. 26, p. 151-166, 2018.

JOY, Melanie. Por que amamos cachorros, comemos porcos e vestimos vacas: uma introdução ao carnismo: o sistema de crenças que nos faz comer alguns animais e outros não. 1. ed. São Paulo: **Cultrix**, 2014. 158 p.

KRENAK, Ailton. IDEIAS PARA ADIAR O FIM DO MUNDO. 2. ed. São Paulo: **Companhia das Letras**, 2020.

MANSANO, S. Afetar e ser afetado. **Encontro Nacional de Saúde, Cultura e Arte-MCA**, v. 8, n. 2, 13 mar. 2019.

NEGRINI, Vanessa; OLIVEIRA, Denise. Direito à informação, direitos animais e veganismo. **Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação**, Belém – PA, p. 1-15, 7 set. 2019.

ROCHA, N. O.; LOURES, J. M. T. "Eles Vivem"; o discurso capitalista em cena / "They Live": the capitalist discourse on scene. **Revista de Psicologia**, v. 13, n. 1, p. 72 - 80, 1 jan. 2022.

RIVAS, Érika Petersen; SILVA, Priscila de Lima. O Impacto Do Capitalismo Nas Relações Interpessoais Da Contemporaneidade: Uma Perspectiva Da Psicologia Analítica. **Psicologia.pt**, p. 1-24, 3 set. 2017.

SCHÜTZ, Guilherme Flores. OBEDEÇA; Consuma; Compre: O Controle Social Em Eles Vivem(They Live) De John Carpenter. **Congresso Internacional de Ciências Criminais**, [S. l.], p. 1-11, [s.d].

SCHVAMBORN, Maria Angélica Machado et al. A Objetificação Dos Animais Como Reflexo Do Sistema Capitalista: Uma Análise Da Peculiar Indústria De Animais Domésticos. **Fadisma Entre-mentes**, Santa Maria – RS, p. 1-12, 2017.

STEFANUTO, Míriam Rebeca Rodeguero. SÃO ELES QUE FAZEM ISSO COMIGO! O frigorífico Santa Margarida e as relações entre humanos e animais. TESSITURAS | **Revista de Antropologia e Arqueologia**, Pelotas – RS, p. 201-221, 14 dez. 2022.